

# PARTE DA SOCIEDADE OU SOCIEDADE À PARTE? REPRESENTAÇÃO DE JUDEUS NA NOVELA *DIE JUDENBUCH* (1842) DE ANNETTE VON DROSTE-HÜLSHOFF

MAGDALENA NOWINSKA  
Universidade de São Paulo

## Resumo

Este artigo analisa *Die Judenbuche*, uma novela de Annette von Droste-Hülshoff publicada em 1842. O texto, compreendido pela autora como uma representação de costumes e moralidades de uma sociedade, retrata também personagens judaicos. Neste artigo, analiso a forma como os judeus são representados: como parte da sociedade ou como uma sociedade à parte.

## Abstract

*This paper analyses Die Judenbuche, a novella by Annette von Droste-Hülshoff published in 1842. The text, understood by the author to be a representation of a society's customs and morals, also portrays some Jewish characters. In this paper, I analyse the way in which Jews are represented: as part of society or as its outsiders.*

## Palavras-chave

Literatura alemã,  
literatura e sociedade,  
judaísmo,  
representação,  
estereótipos,  
novela.

## Keywords

*German literature,  
literature and  
society, Judaism,  
representation,  
stereotypes,  
novella.*

A longa convivência entre judeus e gentios na sociedade alemã deixou diversos rastros na literatura. Neste artigo, discuto um texto de uma autora alemã do século XIX e tento reconstruir o seu olhar sobre essas relações. O fato de a autora não ser judia insere o texto analisado dentro de uma longa tradição de textos de autores não judeus na Alemanha, nos quais os judeus são representados e imaginados de um ponto de vista “de fora” em relação à comunidade judaica.<sup>1</sup> Mathias Richter notou que a literatura alemã não judaica é predominantemente caracterizada por uma “ótica do mau olhar” (“Optik des bösen Blicks”)<sup>2</sup> em relação à representação de judeus, ou seja, que o olhar “de fora” costuma ter um viés antijudaico; verificar esse ponto é também tema deste texto.

O texto que é objeto deste artigo é *Die Judenbuche* (*A faia dos judeus*), uma novela de Annette von Droste-Hülshoff, publicada em 1842.<sup>3</sup> O texto foi compreendido pela autora como um “quadro de costumes”, ou seja, uma representação realista e ao mesmo tempo crítica de costumes e moralidades de uma sociedade, neste caso um vilarejo na Westfália. O quadro inclui também personagens judaicos e eu pretendo aqui analisar o texto por meio da questão feita no título deste artigo, ou seja, se os judeus são representados nesse texto como parte da sociedade ou como uma sociedade à parte, como *outsiders*. A análise é inserida dentro do contexto histórico da publicação da *Judenbuche*.

Fazer essa pergunta significa naturalmente pressupor que esse tipo de questão existia, o que de fato era o caso. *Die Judenbuche* foi publicada em um período no qual a posição de judeus na sociedade alemã era discutida e negociada publicamente, ou seja, em uma época de debates acerca da emancipação dos judeus, cujo ponto central era a questão se os estados alemães deveriam conceder a eles os mesmos direitos da população cristã – ou seja, se eles deveriam ser tratados como cidadãos iguais e como parte da sociedade alemã.<sup>4</sup> Esse debate iniciou-se lentamente em meados do século XVIII, acelerando-se no final desse século e, ao mesmo tempo, foi sendo ampliado e em parte radicalizado. O debate acerca da emancipação foi acompanhado por um processo de assimilação dos judeus alemães, ou seja, um esforço por parte dos judeus de se igualar em diversos aspectos à sociedade cristã, abrindo mão de certos costumes, da religião, da língua, enfim, de uma identidade compreendida como judaica e não alemã. Em 1842, o ano da publicação da *Judenbuche*, pode-se dizer que o debate já estava adiantado e que mudanças dentro da sociedade alemã eram visíveis, embora mais nas cidades do que no campo. O tema estava sendo discutido publicamente e já se viam os primeiros

<sup>1</sup> As relações literárias judaico-alemãs são caracterizadas por uma particularidade: vozes judaicas na literatura alemã começam aparecer apenas no decorrer do século XIX. Antes disso a representação literária de judeus em alemão estava exclusivamente nas mãos dos autores não judaicos. A mudança se deu mais ou menos na época na qual *Die Judenbuche* foi publicada; ela se encontra, assim, na transição entre uma época de representações antigas e novas vozes, pertencendo, contudo, mais aos tempos antigos do que aos novos.

<sup>2</sup> RICHTER, M. *Die Sprache jüdischer Figuren in der deutschen Literatur (1750 - 1933). Studien zu Form und Funktion*. Göttingen: Wallstein-Verlag, 1995, p.125.

<sup>3</sup> Uma edição histórica da novela encontra-se na edição crítica das obras da autora (DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. *Die Judenbuche. Ein Sittengemälde aus dem gebirgigten Westfalen*. In: HUGE, W. (ed.). *Annette von Droste-Hülshoff: Historisch-kritische Ausgabe: Werke, Briefwechsel. Bd. 5,1 Prosa, Text*. Tübingen: Niemeyer, 1978, p.1-42.). A edição usada aqui é a edição da Suhrkamp (DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON. *Die Judenbuche. Ein Sittengemälde aus dem gebirgichten Westfalen. Mit einem Kommentar von Christian Begemann*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1999). Não há ainda tradução para o português, nem uma recepção crítica nessa língua. Existem, contudo, traduções para outras línguas; para uma lista de traduções cf. NOWINSKA, M. *Tradução e sensibilidade: “Die Judenbuche” de Annette von Droste-Hülshoff e suas traduções*. Tese de doutorado—São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

<sup>4</sup> O termo “emancipação” refere-se a medidas políticas de diversos estados europeus, desde a declaração de direitos humanos em 1789 na França, de garantir aos judeus igualdade como cidadãos. Na Alemanha, a emancipação foi introduzida por Napoleão durante a ocupação dos territórios alemães. As medidas foram em parte revisadas depois do Congresso de Viena em 1815. Igualdade completa foi concedida aos judeus na Alemanha apenas com a Constituição de Weimar de 1919. Cf. GEISS, I. *Geschichte griffbereit. Band 4: Begriffe. Die sachsystematische Dimension der Weltgeschichte*. Gütersloh & München: Wissen.de Verlag, 2002, p. 612s), SCHUBERT, K. *Jüdische Geschichte*. 6. ed. München: Beck, 2007, e ELON, A. *The Pity of It All: A Portrait of the German-Jewish Epoch 1743-1933*. New York: Picador, 2002.

excessos violentos (por exemplo os assim chamados *Hep-Hep-Krawalle*, em 1819, uma série de ações violentas contra judeus em diversas cidades alemãs)<sup>5</sup>. A *Judenbuche* é publicada dentro deste contexto, e, embora sua imagem dos judeus divirja desses desenvolvimentos, mesmo assim ela é produto do seu tempo.

Considerando esse contexto, analisarei o texto da narrativa em relação a alguns aspectos, buscando identificar como é representada aqui a posição de judeus na sociedade majoritariamente cristã. Em uma espécie de “close reading” considerarei três aspectos do texto: (1) a representação dos personagens judaicos, (2) o discurso do narrador, e (3) a representação da convivência entre judeus e gentios na sociedade do “quadro de costumes”. A análise do texto demonstra que a *Judenbuche* aponta para uma visão de judeus mais como sociedade à parte do que como parte da sociedade, uma conclusão que elaboro em mais detalhes ao final do artigo. Antes de iniciar a análise propriamente dita, forneço, no tópico seguinte, algumas informações acerca da autora, bem como da gênese do texto e do seu argumento.

### A autora e a gênese da *Judenbuche*

*Die Judenbuche* foi publicada em 1842, no âmbito da então bastante importante e amplamente lida revista literária *Morgenblatt für gebildete Leser*.<sup>6</sup> A autora, Annette von Droste-Hülshoff, nascida em 1797, provinha de uma antiga família aristocrática westfaliana de senhores feudais e vivia relativamente retirada nas propriedades da família, em uma região rural da Westfália, perto da cidade de Münster. Na época da publicação da *Judenbuche* ela era uma autora já “publicada”, com dois volumes de poesia, mas (ainda) pouco conhecida. A *Judenbuche*, o único texto em prosa publicado por Droste-Hülshoff, pouco interessou seus contemporâneos e ficou praticamente desconhecido até o final do século XIX, quando foi redescoberto e incluído naquilo que se considera o cânone literário alemão, no qual permanece até hoje, fazendo, entre outros, parte dos currículos escolares.<sup>7</sup> A recepção tardia vem sendo explicada, dentre outras razões,

<sup>5</sup> Os assim chamados *Hep-Hep-Krawalle*, “a primeira explosão de um antisemitismo embrionário” (GEISS, op. cit., p. 681), foram tumultos antijudaicos em diversas cidades alemãs no decorrer do ano 1819, durante os quais lojas de proprietários judeus foram destruídas e judeus foram agredidos e mortos. Para Elon, “nada parecido havia sido visto desde a Idade Média” (ELON, op. cit., p. 102) Os tumultos resultaram em parte de uma crise econômica na Alemanha depois do Congresso de Viena de 1815, mas também são vistos em parte como reação à emancipação de judeus desde a Revolução Francesa em diversos estados europeus, entre eles a Alemanha (cf. GEISS, op. cit., p. 681). Sobre isso cf. também ERB, R.; BERGMANN, W. *Die Nachtseite der Judenemanzipation: Der Widerstand gegen die Integration der Juden in Deutschland 1780-1860*. Berlin: Metropol Verlag, 1989; ROHRBACHER, S. “Die ‘Hep-Hep-Krawalle’ und der ‘Ritualmord’ des Jahres 1819 zu Dormagen”. In: ERB, R.; SCHMIDT, M. (eds.). *Antisemitismus und jüdische Geschichte: Studien zu Ehren von Herbert A. Strauss*. Berlin: Wissenschaftlicher Autorenverlag, 1987, p. 135–148; e ROHRBACHER, S. “The ‘Hep Hep’ Riots of 1819: Anti-Jewish Ideology, Agitation and Violence”. In: HOFFMANN, C.; BERGMANN, W.; SMITH, H. W. (eds.). *Exclusionary violence: antisemitic riots in modern German history. Social history, popular culture, and politics in Germany*. Ann Arbor, Mich.: University of Michigan Press, 2002, p. 23–42.

<sup>6</sup> A *Judenbuche* foi publicada, no *Morgenblatt*, em 16 partes, entre os dias 22 de abril e 10 de maio de 1842. Para mais detalhes, cf. a documentação sobre a *Judenbuche* na edição histórico-crítica das obras de Droste-Hülshoff (HUGE, W. (ed.). *Annette von Droste-Hülshoff: Historisch-kritische Ausgabe: Werke, Briefwechsel. Bd. 5,2 Prosa, Dokumentation*. Tübingen: Niemeyer, 1984, p. 194).

<sup>7</sup> Sobre a canonização de Droste-Hülshoff, cf. GÖDDEN, W. Vom “‘Spätzünder’ zum Bestseller. Vor 150 Jahren erschien Annette von Droste-Hülshoffs ‘Judenbuche’”. *Westfalenspiegel*, v. 41, n. 3, 1992, p.31–33; SCHNEIDER, R. *Annette von Droste-Hülshoff*. 2. ed. Stuttgart & Weimar: J.B. Metzler, 1995; HEYDEBRAND, R. VON; WINKO, S. *Einführung in die Wertung von Literatur: Systematik - Geschichte - Legitimation*. Paderborn u.A.: Schöningh, 1996; e, com uma abordagem de cunho feminista, NIETHAMMER, O. “Kanonisierung als patriarchalischer Selektionszwang? Das Beispiel Annette von Droste-Hülshoff”. In: ARNOLD, H. L. (ed.). *Literarische Kanonisierung. Text + Kritik. Zeitschrift für Literatur. Sonderband 2002*. München: edition text+kritik, 2002, p. 181–197. Um estudo amplo sobre a recepção geral de Droste-Hülshoff na Alemanha é a publicação *Modellfall der Rezeptionsforschung* (WOESLER, W.; HAVERBUSCH, A. *Modellfall der Rezeptionsforschung: Droste-Rezeption im 19. Jh. : Dokumentation, Analysen, Bibliographie*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1980). Uma história da recepção da *Judenbuche* como texto escolar encontra-se em MÜLLER, B. “Dichterbilder” in *Literaturgeschichten. Die Darstellung Droste-Hülshoff, Heines und Mörikes in literaturgeschichtlichen Kommentaren*. München: Books on Demand, 2004.

pelo estilo peculiar da novela; as estratégias narrativas, caracterizadas por elipses e incertezas, aparentemente não despertaram a atenção do público da época da Restauração, mas sim dos leitores do Realismo tardio.

A composição do conto tal como ele foi publicado estava relacionada com um projeto literário, que Droste-Hülshoff desenvolvia nos anos 1830 e 1840 – uma espécie de romance e descrição poético-etnográfica da Westfália, modelada no então popular gênero de relatos de viagem, mas misturando fato e ficção. No entanto, *Die Judenbuche* foi originalmente concebida por Droste-Hülshoff como uma história criminal, com o título *Criminalgeschichte Friedrich Mergel* (*Uma história criminal – Friedrich Mergel*). O texto foi alterado e ampliado pela autora no decorrer dos anos 1830 para ser inserido na mencionada obra sobre costumes na Westfália. Este projeto, contudo, não foi adiante e, em 1842, Droste-Hülshoff resolveu publicar a parte já pronta do texto, justamente a *Judenbuche*. Dessa ampliação da “história criminal” original para um retrato de costumes surgiu um texto relativamente heterogêneo no que diz respeito ao gênero,<sup>8</sup> um texto que mescla elementos de um estudo social com questões de culpa e penitência. A representação de judeus no texto, originalmente apenas ligada ao gênero criminalístico, também foi ampliada.

*Die Judenbuche* é o único texto de Droste-Hülshoff que trata de *motifs* judaicos, baseados em grande parte em um material histórico que ela encontrou mais ou menos por acaso e no qual a interessavam questões ligadas à culpa e penitência<sup>9</sup>, bem como o fato de ele estar ligado à região da Westfália.<sup>10</sup> Isso se reflete no título que ela deu ao manuscrito entregue ao *Morgenblatt*: Droste-Hülshoff o entregou sob o título de *Ein Sittengemälde aus dem gebirgichten Westfalen* (*Um quadro de costumes da Westfália serrana*), dando, assim, ênfase ao caráter etnográfico (Um quadro de costumes) e regional (da Westfália serrana) da narrativa. Com base em uma palavra que aparece três vezes na narrativa, o editor responsável pelo *Morgenblatt*, Hermann Hauff, sugeriu, porém, um outro título, mais breve e com mais apelo: *Die Judenbuche* (*A faia dos judeus*), dando assim ênfase aos *motifs* judaicos no texto. Droste-Hülshoff aceitou a sugestão, e o título original foi mantido como subtítulo.<sup>11</sup> A sugestão de mudança de título deve ter sido motivada, por um lado, por razões sobretudo comerciais, na intenção de dar à narrativa um título com mais apelo ao leitor. Ao mesmo tempo, parece-me também possível supor que Hauff tenha pretendido um certo grau de provocação, em uma época de debates sobre a emancipação dos judeus e, ao mesmo tempo, tendo como pano de fundo as primeiras manifestações de um antissemitismo violento na Alemanha. É bem possível, então, que o editor do *Morgenblatt* jogasse com o interesse público em temas ligados à população judaica, já que o *Morgenblatt* publicou, na mesma época, também outros textos ligados a temas judaicos.

<sup>8</sup> Cf. ZELLER, H. “Zur Deutungsproblematik der Judenbuche - semiotisch gesehen”. *Beiträge zur Droste-Forschung*, v. 5, 82, 1978, p. 95–104.

<sup>9</sup> Cf. sobre isso os trabalhos de WOESLER, W. “Die Vergeltung von Annette von Droste-Hülshoff: Eine Interpretation”. In: HOLZHÄUER, H. (ed.). *Die Judenbuche (1842) / Die Vergeltung (1841)*. Baden-Baden: Nomos, 2000, p. 81–87; KÜHLMANN, W. “Schiffbruch, Notstand und ‘rechtsfreier Raum’ (Vergeltung von Annette von Droste-Hülshoff und ein Roman von Willibald Alexis)”. *Internationales Archiv für Sozialgeschichte der deutschen Literatur*, v. 31, n. 2, p. 228–239, 2006; e MAYER, M. Drostes Ballade “‘Die Vergeltung’ zwischen Moral und Ethik.” *Wirkendes Wort*, v. 57, n. 1, p. 11–18, 2007.

<sup>10</sup> Cf. sobre isso por exemplo ÖLKE, M. “Heimweh” und “Sehnsucht in die Ferne: Entwürfe von “Heimat” und “Fremde” in der westfälischen und orientalischen Lyrik und Prosa Annette von Droste-Hülshoffs. St. Ingbert: Röhrig, 2002.

<sup>11</sup> Para a história da primeira edição da *Judenbuche* cf. p.ex. BEGEMANN, C. “Kommentar”. In: DROSTE-HÜLSHOFF, A. VON (ed.). *Die Judenbuche. Ein Sittengemälde aus dem gebirgichten Westfalen*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1999, p. 81–122; HUGE, W. (ed.). *Annette von Droste-Hülshoff: Historisch-kritische Ausgabe: Werke, Briefwechsel. Bd. 5, 2 Prosa, Dokumentation*. Tübingen: Niemeyer, 1984.

## O argumento do conto

*Die Judenbuche* narra a trajetória de vida de um camponês, Friedrich Mergel, na Westfália rural do século XVIII. É uma biografia de um criminoso, com certas semelhanças ao *Verbrecher aus verlorener Ehre* (*Um criminoso por honra perdida*) de Friedrich Schiller. O texto acompanha a vida de Mergel desde o seu nascimento até a sua morte, mas relaciona a biografia também com o seu contexto social.

As etapas da vida de Friedrich Mergel são demarcadas por diversas mortes violentas e assassinatos, cuja autoria não é revelada, mas o texto sugere uma participação de Mergel em pelo menos algumas delas. Depois de ter se tornado suspeito do assassinato de um comerciante judeu, Aaron, com o qual ele havia contraído dívidas, Mergel foge da região. Vinte e oito anos mais tarde, um homem que se diz chamar Johannes Niemand, um sócia de Mergel, junto com o qual ele teria fugido, mas que mais tarde é identificado como o próprio Friedrich Mergel, retorna à região da trama, alegando que passara os anos desde a fuga do vilarejo como escravo na Turquia. Um ano depois, ele é encontrado enforcado na árvore sob a qual Aaron, o comerciante judeu, fora morto. O morto é identificado, por meio de uma cicatriz, como Friedrich Mergel e a sua morte, embora também não esclarecida, é interpretada como suicídio e confissão de culpa pelo assassinato de Aaron.

A sociedade na qual Droste-Hülshoff insere o seu “criminoso” é, em relação à data da publicação, uma sociedade do passado, como é indicado no texto por meio de datas: a biografia começa com o nascimento de Friedrich Mergel em 1738 e termina com a sua morte em 1788. As datas são significativas: Friedrich Mergel morre um ano antes da Revolução Francesa, o evento que marca o declínio definitivo dos últimos resquícios da época feudal na Europa, principalmente na Alemanha, e o começo de uma outra época, a época burguesa. Na visão de Droste-Hülshoff, filha de nobres feudais, o ano de 1789 significava uma ruptura profunda. Datando a biografia de Mergel para os anos que antecedem a Revolução, Droste-Hülshoff relega, assim, a história a um passado visto com nostalgia. *Die Judenbuche* é, nesse sentido, também uma ficção histórica<sup>12</sup> e a nostalgia e a idealização do passado têm um papel importante na construção da sociedade na novela.

Além de uma localização temporal precisa, a sociedade na *Judenbuche* é também localizada geograficamente. O título indica como lugar da trama a “Westfália serrana”, que, no texto, é delimitada para um “canto recluso” em uma “serra historicamente notável”, a Floresta de Teutoburg. O local preciso da trama é o “vilarejo B.” e as florestas a seu redor. O lugar exato é anonimizado, de modo a ser visto como representativo dos costumes da região que Droste-Hülshoff quis retratar. As relações sociais no vilarejo B. são feudais: os camponeses são vassallos de um senhor feudal, que detém o poder executivo e a jurisdição na região. As florestas, que pertencem a ele, são guardadas por seus guardas florestais e são o local de conflitos sociais relacionados com o roubo de madeira pelos camponeses. O quadro de costumes retrata, então, uma sociedade feudal tardia e rural da Westfália do século XVIII.

## Os motifs judaicos na *Judenbuche*

Dentro do retrato dessa sociedade feudal há também uma população judaica, que está ligada aos elementos da história criminal. Como dito acima, Droste-Hülshoff concebeu essa história originalmente como uma mera história criminal, baseando a sua ideia em um caso criminal autêntico da sua região.

<sup>12</sup> CHASE, J. S. “Half-Faded Pictures: Die Judenbuche as Historical Fiction”. In: DURRANI, O.; PREECE, J. (eds.). *Travellers in Time and Space: The German Historical Novel / Reisende durch Zeit und Raum: Der deutschsprachige historische Roman*. Amsterdam: Rodopi, 2001, p. 39–47.

Era o caso do assassinato de um comerciante judeu, Soistmann Berend, por um camponês que lhe devia dinheiro, chamado Winkelhannes.

No caso histórico, do jeito como ele foi registrado,<sup>13</sup> o camponês Winkelhannes assassina o comerciante Soistmann, para quem ele devia dinheiro. O assassinato acontece depois de o tribunal local, ao qual Soistmann havia apelado, ter-lhe dado razão e obrigado Winkelhannes a pagar as dívidas. Depois do assassinato, Winkelhannes foge da região e volta para lá depois de cerca de 30 anos, contando que havia sido feito escravo na Argélia. Ele confessa o assassinato de Soistmann Berend, até então não resolvido, mas é libertado devido à prescrição do crime. Logo depois, contudo, ele comete suicídio, enforcando-se na árvore sob a qual havia cometido o assassinato e que havia sido comprada pela comunidade judaica da região e marcada com uma inscrição hebraica, cujo texto contudo não é conhecido.

Se comparamos esse relato com o fio condutor da novela, fica visível que Droste-Hülshoff adotou quase todos os *motifs* dessa história, abrindo mão apenas da apelação de Soistmann Berend ao tribunal local e da confissão explícita da culpa. Ao mesmo tempo, ela adaptou a história para os fins de sua narração (mudando nomes etc.) e adicionou uma série de elementos fictícios a serviço do quadro de costumes, ou seja, elementos que ilustram a vida judaica no campo.

Assim, a reconstrução do assassinato acontece por meio de uma narração da mulher do comerciante judeu assassinado, na *Judenbuche* chamado de Aaron, e do seu criado, dois dos personagens inventados por Droste-Hülshoff. A investigação não tem êxito, como no caso histórico, e é seguida, na *Judenbuche*, pela narração da reação da comunidade judaica ao assassinato, que, embora corresponda ao que acontece no caso criminal real, é ampliada por diversos elementos: o texto mostra a solidariedade da comunidade judaica que se reúne na casa da viúva, a tentativa de encontrar o assassino por meios próprios (oferece-se uma recompensa por informações sobre o assassino) e a cena da compra da árvore sob a qual o assassinato ocorreu, um *motif* mencionado apenas de passagem no caso real. Essa árvore, definida na *Judenbuche* como uma faia, é também marcada, pela comunidade judaica da região, com uma inscrição hebraica, um texto inventado por Droste-Hülshoff que exorta a punição do assassino desconhecido de Aaron.<sup>14</sup> Uma cerimônia da comunidade judaica marca a inscrição na árvore, e um texto em hebraico é reproduzido no texto alemão. A isso segue-se mais uma menção à viúva de Aaron - o narrador relata que ela “logo se consolou com um outro homem”<sup>15</sup> - seguida ainda de uma referência a um bando criminoso, do qual

<sup>13</sup> O caso criminal, que envolveu diretamente a família de Droste-Hülshoff, era conhecido da autora por meio de histórias da família e de uma obra de um tio, August von Haxthausen, que publicou uma versão do caso, baseada nas atas do tribunal, na revista literária *Die Wünschelrute* em 1818, sob o título *Der Algerier-Sklave (O Escravo argelino)*. Para a composição da *Judenbuche*, Droste-Hülshoff usou os pormenores do caso, com modificações. Edições do texto com anotações encontram-se, por exemplo, na edição histórico-crítica das obras de Droste-Hülshoff (cf. HUGE, op. cit., p. 214–225) ou na publicação da *Judenbuche* organizada por Begemann (cf. DROSTE-HÜLSHOFF, *Die Judenbuche*, 1999, op. cit., p.67–79). O “caso real” corresponde ao relato de Haxthausen no *Escravo argelino*, a única fonte do caso histórico, um texto que, como mostrou Werner (WERNER, M. “Dichtung oder Wahrheit? Empirie und Fiktion in A. von Haxthausens ‘Geschichte eines Algerier-Sklaven’, der Hauptquelle zur ‘Judenbuche’ der Droste”. *Zeitschrift für Deutsche Philologie*, v. 99, n. Sonderheft, 1979, p. 21–31), contém diversos elementos de ficcionalização. Uma reconstrução detalhada do caso histórico encontra-se em KRUS, H.-D. *Mordsache Soistmann Berend. Zum historischen Hintergrund der Novelle “Die Judenbuche” von Annette von Droste-Hülshoff*. Münster: Aschendorff, 1990.

<sup>14</sup> Do caso histórico, Droste-Hülshoff usou apenas o motivo da inscrição na árvore, não a inscrição original, que não foi preservada. O texto da inscrição na própria *Judenbuche* foi composto por Droste-Hülshoff e traduzido depois para o hebraico, provavelmente por Alexander Haindorf (1782-1862), um médico em Münster. Cf. HAUSCHILD, R. “Die Herkunft und Textgestaltung der hebräischen Inschrift in der Judenbuche der Annette von Droste-Hülshoff”. *Euphorion*, v. 46, 1952, p.85–99 e Begemann, op. cit., p. 132.

<sup>15</sup> DROSTE-HÜLSHOFF, *Die Judenbuche*, 1999, op. cit., p.51.

faziam parte também judeus. A narrativa prossegue com a fuga de Friedrich Mergel e sua escravidão, bem como com a sua volta e seu suicídio.

O que parece ter captado o interesse de Droste-Hülshoff em relação a essa história é, por um lado, o aspecto sensacional desse caso criminal – um assassinato por cobiça, punido aparentemente de forma drástica por uma força maior. Como foi dito acima, temas de culpa, expiação e retribuição são recorrentes em sua obra. Na *Judenbuche*, eles são tratados por meio da contraposição entre concepções de direito judaicas (o “olho por olho”, da lei de talião) e cristãs (perdão), enquanto a ideia de memória de origem judaica é contraposta a reflexões sobre julgamentos precipitados. A árvore, já simbólica no caso histórico, torna-se, na *Judenbuche*, um símbolo de um destino misterioso. A representação do destino impiedoso por meio de *motifs* judaicos provém do caso histórico, mas essa atribuição é naturalmente vista de forma crítica hoje em dia.

Contudo, Droste-Hülshoff não apenas usou os *motifs* presentes no caso histórico, ela também ampliou essa estrutura com elementos do cotidiano judaico, proporcionando ao comerciante judeu assassinado, que no caso criminal aparece apenas brevemente, um contexto, um pano de fundo de uma comunidade judaica ficcional. É esse contexto que apresento e analiso a seguir. É um contexto imaginado, que, a meu ver, se constrói a partir de uma mistura de referências realistas e, ao mesmo tempo, de um inventário de convenções.

## Os personagens

Droste-Hülshoff introduziu na *Judenbuche* alguns personagens judaicos, um feminino (a mulher de Aaron) e alguns masculinos. Esses personagens judaicos são caracterizados principalmente por meio de nomes, por meio de suas ocupações e de sua língua.

Apenas os personagens judaicos masculinos têm nomes: Aaron, Samuel, Salomon, Moses e Joel. São sempre apenas primeiros nomes, ou seja, nenhum dos personagens judaicos tem sobrenome (ao contrário dos personagens cristãos) e são todos nomes bíblicos, tradicionalmente associados aos judeus. Assim, os nomes são, por um lado, convencionais, proporcionando aos personagens uma certa tipização. Ao mesmo tempo, o fato dos personagens não terem sobrenomes e terem todos nomes tipicamente “judaicos” é coerente com a intenção de narrar uma história do século XVIII, uma época que, por um lado, antecede as prescrições acerca de nomes para judeus, que começaram a ser introduzidas no decorrer do século XVIII em vários estados alemães (prescrições essas que obrigavam judeus a adotar sobrenomes), e, por outro lado, antecede também os esforços assimilatórios de judeus na Alemanha, que se expressaram entre outras coisas justamente por meio da adoção de nomes “cristãos”.

Além dos nomes, dois dos personagens são caracterizados por apelidos: Wucherjoel e Lumpenmoises. Os dois apelidos seguem o mesmo formato: eles são compostos por um primeiro nome judaico (Moises, Joel) e ampliados por um atributo que remete à ocupação e/ou identidade dos personagens: no caso de Wucherjoel, para a usura, no caso de Lumpenmoises, para a sua pobreza ou para o fato dele pertencer a um estrato social muito baixo. Se os primeiros nomes referem-se a um inventário de convenções e tipos, é possível dizer que os apelidos se alimentam de um inventário de estereótipos, ligando os personagens a ocupações negativas e a vários antigos estereótipos antijudaicos. Na narrativa, esses dois personagens fazem também o que os seus nomes sugerem: Wucherjoel oferece saldar as dívidas de um dos seus devedores se ele encontrar o assassino de Aaron, enquanto Lumpenmoises faz parte de um bando criminoso. Retornarei à estereotipização desses dois personagens mais adiante. Antes, contudo, parece-me importante analisar um outro meio de caracterização de personagens judaicos na *Judenbuche*: por meio de suas profissões e/ou ocupações.

Entre as profissões, ocupações ou identidades da população judaica (masculina) na *Judenbuche* aparecem, além da usura e da pobreza ligada à criminalidade, um rabino, um comerciante (o próprio Aaron), um açougueiro e um criado. Droste-Hülshoff imagina aqui uma comunidade rural e, tal como os nomes, coerente com a época narrada (e até mesmo com a época da publicação da *Judenbuche*, ao menos no que diz respeito a comunidades rurais). É possível afirmar que aqui, tal como no caso dos nomes, a comunidade judaica imaginada na *Judenbuche* mistura elementos realistas com convenções literárias. Inegavelmente, todos os nomes e todas as ocupações têm suas referências na realidade da vida judaica rural dos séculos XVIII e XIX, mas ao mesmo tempo a visão de Droste-Hülshoff é provavelmente filtrada por meio de literatura. Pelo que se sabe da biografia dela, sua experiência real com o mundo e a cultura judaica não pode ter sido grande; no entanto, a sua experiência imaginária com esse mundo por meio de literatura pode ter sido mais intensa. Mais do que para pessoas reais, os personagens judaicos da *Judenbuche* remetem a outros personagens judaicos literários, também pelo fato de serem apenas esboçados, ou seja, a sua caracterização enquanto indivíduos se limita praticamente aos aspectos discutidos até agora. Assim, Wucherjoel inevitavelmente remete a Shylock, e o ladrão judaico para peças como *Die Juden*, de Lessing, ou *Die Räuber*, de Schiller. É possível afirmar que a visão do mundo judaico que a *Judenbuche* oferece é, portanto, mais ligada à literatura do que à realidade.

Há mais um aspecto da caracterização dos personagens judaicos na *Judenbuche*, que se refere mais à comunidade como um todo do que aos personagens individuais: o idioma. Os judeus da *Judenbuche* usam dois idiomas: o alemão (literário), na interação com cristãos, e o hebraico, na área ligada à religião (no episódio da marcação da árvore). Aqui, de novo, misturam-se aspectos realistas e imaginados. Por um lado, a distribuição de idiomas corresponde às práticas da época. Judeus do século XVIII na Alemanha eram, basicamente, trilingües, usando hebraico para fins religiosos e literários, iídiche para conversas cotidianas dentro da comunidade e alemão nos contatos com a população cristã.<sup>16</sup> Segundo Mathias Richter, contudo, os conhecimentos do alemão eram relativamente raros e o alemão normalmente se misturava com elementos do iídiche (que, naquela época, ainda não se diferenciava tanto do alemão). O alemão literário dos personagens judeus na *Judenbuche* representa, assim, uma construção consciente de Droste-Hülshoff: é um alemão padrão, sem elementos de iídiche, algo que soa interessante se considerarmos que personagens judaicos na literatura alemã (escrita por não judeus) costumam ser caracterizados justamente por meio da linguagem, que é, nesses casos, uma espécie de reconstrução literária do iídiche<sup>17</sup> fala do “Literaturjiddisch”). O fato de Droste-Hülshoff evitar essa linguagem e de atribuir aos judeus na *Judenbuche* um alemão literário parece-me motivada pela intenção de evitar o cômico ou ridículo – o iídiche na literatura alemã tem como função a ridiculização dos personagens. Considerando o tema da sua narrativa, um tema mais ligado ao trágico, Droste-Hülshoff deve ter pretendido evitar esse efeito. O anacronismo que resulta dessa estratégia, contudo, remete, a meu ver, de novo para a força de convenções literárias na composição da comunidade judaica da *Judenbuche*. Contudo, o efeito desta vez é o contrário – estereótipos são evitados.

## O discurso do narrador

Além dessa caracterização, os personagens judaicos na *Judenbuche* são também caracterizados por meio do discurso do narrador em terceira pessoa. Isso acontece de dois modos. Por um lado, o narrador identifica os personagens como judeus usando em relação a eles quase sempre (com uma ou duas exceções)

<sup>16</sup> Cf. RICHTER, op. cit.

<sup>17</sup> Ibidem, p.11.

o gentílico “judeu”, ou seja, quando o narrador se refere a um dos personagens judaicos, ele sempre se refere a ele apenas como “der Jude” (ou “die Jüdin” ou outras variantes), ou o gentílico é usado de um modo atributivo junto com o nome do personagem (p. ex. “der Jude Aaron”, “der Jude Salomon” etc.); em relação aos personagens cristãos o narrador não usa, no entanto, atribuições. Esse uso recorrente do gentílico aponta para um distanciamento do narrador e para uma identificação bastante forte dos judeus como um grupo distinto dentro da sociedade do vilarejo B., ou talvez até uma sociedade à parte.

Uma outra particularidade do discurso do narrador é o uso do termo “Glaubensbruder” (“correligionário”, no sentido religioso). O narrador usa esse termo para expressar relações dentro da comunidade judaica; os judeus são, para ele, “correligionários”. Com esse termo, o narrador designa os judeus como um grupo, caracterizado como tal por meio da religião. Assim, se os judeus na *Judenbuche* são caracterizados pelo narrador, por um lado, como um grupo distinto dos gentios, dos cristãos, ao mesmo tempo a diferença atribuída a eles é apenas a da religião. A designação de judeus como um grupo estritamente religioso, mas não como uma etnia, um povo, remete de novo à época pré-emancipatória e pré-romântica e corresponde à localização temporal da trama no século XVIII. No discurso do narrador fica então visível, ainda mais do que nos nomes, nas ocupações e na atribuição de linguagem, uma visão da população judaica como um grupo à parte na sociedade alemã, definido em termos religiosos.

### **A convivência entre judeus e gentis**

Por fim, além do olhar para os judeus como um grupo distinto, a *Judenbuche* também tematiza, em alguns momentos, os modos de convivência entre esses dois grupos. Na *Judenbuche*, esses modos são caracterizados por contatos pragmáticos e por hostilidades, o que reforça a imagem de grupos distintos, embora não desiguais.

Os mundos dos dois grupos não são separados por fronteiras formais: Aaron, por exemplo, junta-se aos convidados do casamento rural (no qual acontece a cena da briga entre ele e Friedrich Mergel por causa de dívidas), e o texto da narrativa refere-se várias vezes aos contatos comerciais entre judeus e gentios (compra de bens, empréstimos etc.). No entanto, esses contatos não vão além do pragmático e a *Judenbuche* não indica outro tipo de convivência.

Ao mesmo tempo, o texto dá exemplos de uma atitude depreciativa da população cristã em relação aos judeus. Margreth, a mãe de Friedrich Mergel, ensina a seu filho pequeno que “todos os judeus são embusteiros”,<sup>18</sup> um ensinamento, que no texto é mostrado em um contexto de confusão ética e moral, ou seja, como uma atitude errada, mas que, ao mesmo tempo, dá expressão à atitude depreciativa da população cristã em relação aos seus vizinhos judeus. A fragilidade da convivência pacífica entre os dois grupos é demonstrada também no casamento camponês, do qual Aaron é expulso depois da briga com Friedrich Mergel, enquanto os convidados gritam “peguem o judeu, ponham-no na balança junto com um porco!”.<sup>19</sup> Embora o grito não tenha consequências fáticas, está contida nele uma ameaça que remete à tradição de pogroms, ações coletivas da população cristã desde a idade média contra os judeus na Europa, bem como um eco de preconceitos antijudaicos medievais ligados à imagem do porco.

A latente ameaça de violência se realiza, pouco depois, no assassinato de Aaron. A investigação do assassinato demonstra, contudo, que, embora hostilizados, os judeus na sociedade da *Judenbuche* não são desprotegidos (embora o texto não indique que a fonte da proteção de judeus em regiões rurais costumava depender de pagamentos da comunidade judaica por ela) e o assassinato é apresentado como

<sup>18</sup> DROSTE-HÜLSHOFF, *Die Judenbuche*, 1999, op. cit., p.16.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p.45.

um crime tratado de modo igual aos outros crimes, ou seja, os judeus como vítimas de crime são tratados de modo igual à população cristã.

### **Conclusão**

A análise da novela *Die Judenbuche* indica a impossibilidade de responder de forma taxativa à pergunta que dá título a este artigo, ou seja, não é possível afirmar que, nela, os judeus são representados claramente como sociedade à parte, tampouco como parte da sociedade. As evidências textuais discutidas acima parecem apontar para uma complexidade que vai além dessa dicotomia. Se é verdade que alguns elementos do texto apontam para atitudes antijudaicas, outros indicam justamente o contrário. Assim, o pertencimento parece coexistir com a discriminação e com a exclusão, e a trama parece justamente sugerir uma ambivalência na situação dos judeus na sociedade alemã por volta de 1800. Neste sentido, *Die Judenbuche* não se deixa facilmente classificar como um texto antijudaico ou não, mas antes expõe, no seu tratamento da população judaica, a mesma complexidade que a novela parece sugerir também para questões éticas em geral. Nisso, a novela reflete as nuances de atitudes presentes na sociedade alemã da época da gênese do texto, na qual esforços emancipatórios coexistiam com tendências hostis aos judeus.

Recebido em: 21/10/2015

Aprovado em: 10/12/2015